

***Música, Memória, Religião e Ayahuasca:
A Musicalidade na Origem e na Preservação dos Ensinos
Religiosos no Passado e em Religiões Ayahuasqueiras no
Presente***

Music, Memory, Religion, and Ayahuasca:
Musical Aspects and Religious Teachings in The Past and in
Ayahuasca-based Religions in the Present

*Clóvis Ecco¹
João Paulo Reis Braga²*

Resumo

A religião sempre teve uma relação inextricável com a música. O presente artigo é um estudo a respeito da importância que a musicalidade teve na origem, na memorização e na transferência do corpus religioso em tradições milenares; e ainda, sobre como ela continua sendo relevante atualmente em religiões recém-criadas de tradição ayahuasqueira como o Santo Daime e a União do Vegetal. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica somada à observação-participante. Os resultados demonstraram que a estrutura musical teve um valor inestimável no passado, e continua sendo fundamental dentro das tradições que não possuem escritos considerados sagrados, utilizando-se da oralidade para a transmissão dos seus ensinamentos e suas doutrinas. Indo além, o corolário desse estudo revela também que a origem de diversos corpus religiosos, apresentados em versos por poetas/profetos do passado e do presente, demonstra ser uma questão ainda em aberto e com um nível de complexidade muito mais elevado do que se poderia imaginar a princípio.

Palavras-Chave: Ciências da Religião; Música; Tradição Oral; Ayahuasca.

Abstract

¹ Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, Goiás, Brasil. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás. E-mail: clovisecco@uol.com.br

² Doutorado em andamento em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, Goiás, Brasil. Pesquisador CAPES/PROSUC. E-mail: jpreisbraga@yahoo.com.br

Religion and music have always been inextricably tied together. This article analyzes the relevance of musical aspects at the genesis of teachings of ancient religions, and how these aspects aid in the processes of memorizing and imparting these teachings. Musical aspects are also relevant in recently created religions that use Ayahuasca in their rituals, such as Santo Daime and União do Vegetal. In order to collect our data, we used two research methods: a literature review and participant observation. Our results shows that musical structures were invaluable for several religions in the past, and they remain fundamental for the traditions that have no scriptures, as the latter impart their teachings verbally. Furthermore, the corollary of this study also reveals that the origin of several religious corpus, presented in verses by poets/prophets of the past and present, proves to be an open question and with a much higher level of complexity than could be expected imagine at first.

Keywords: Religious Studies; Music; Oral Tradition; Ayahuasca.

Introdução

“Canta, ó Deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida...” (ILÍADA, canto I) “Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou...” (ODISSÉIA, canto I) (HOMERO, 2011, p.109 e p.119). Foi assim que Homero (928-898a.C), há quase três mil anos, iniciou aqueles que seriam os poemas épicos mais importantes e sagrados para todos os povos da Grécia Antiga. Versos que continuaram influenciando bilhões de pessoas em todo mundo no decorrer de milhares de anos. De igual modo, Hesíodo (750-650a.C), o segundo poeta mais importante da tradição religiosa grega, também inicia suas celebres obras saudando as Musas e pedindo que elas venham cantar seus hinos em honra ao onipotente Zeus. No poema “Teogonia”, Hesíodo, falando de si mesmo, explica como as Musas atuam e de onde vêm os versos que recebeu:

Elevemos nosso canto às Musas! [...] Um dia, quando Hesíodo pastoreava suas ovelhas ao pé do divino (monte) Helicon, Elas lhe ensinaram um belo canto. [...] Inspirando-me um canto sublime para glorificar os feitos divinos do futuro de do passado. E também me ordenaram louvar a linhagem dos Deuses eternos, mas sempre, em cada ocasião, a Elas cantar no princípio e no final. (HESÍODO, 2014, p. 26).

A poesia religiosa grega é só um exemplo dentre um incontável número de provas que revelam que desde as primeiras civilizações, *avant-la-lêttre*, a musicalidade³ esteve presente em diversos aspectos da religião. Nas mais diversas tradições, o louvor religioso sempre esteve repleto de poesias, cânticos e hinários. Essa ligação é algo tão umbilical que está presente até mesmo na origem da palavra “música”, pois sua raiz semântica vem do grego *Mousikê*, que traduzido significa “Arte das Musas”. Mas não era só a arte musical, os povos da Grécia acreditavam que todas as artes emanavam das Musas (*Μοῦσα*), seres divinos que traziam a inspiração aos artistas.⁴ Destarte, eles entendiam que a relação entre a música, a religião e a própria ordem social, era algo inseparável. Segundo Roosevelt Rocha Jr.:

A princípio, para Platão, a música é um dom divino! Não é a técnica, a arte ou a ciência que torna o poeta capaz de cantar. Isso só se torna possível através da inspiração que vem da Musa. Os poetas cantam porque são inspirados e possuídos. Eles são como abelhas que colhem o néctar/melodia nas flores dos jardins das Musas e trazem-no para nós. Por essa razão, o poeta é algo sagrado (*khrẽma hieron*), comparável aos oráculos e aos profetas, pois suas criações, assim como as palavras daqueles, têm uma fonte divina. As melodias que ele canta não provêm da sua mente, mas da Divindade. Sendo assim, os poemas que ele produz não têm origem humana, mas divina, e ele configura-se apenas como um intérprete dos Deuses. (ROCHA JR, 2007, p. 32).

Os versos dos grandes poetas gregos são apenas alguns dentre incontáveis exemplos que existem mostrando como a musicalidade teve papel fundamental tanto na origem como na preservação de conhecimentos considerados sagrados para várias tradições religiosas milenares. Mas, mesmo depois de tanto tempo decorrido na história humana, o mesmo fenômeno continua sendo observado em religiões que mantêm a tradição oral. Nesse cenário, as tradições religiosas que comungam em

³ O termo “musicalidade” pode ter várias definições. Aqui, utilizaremos a definição de musicalidade como aquilo que tem característica, qualidade ou estado do que é musical; um encadeamento de sons harmoniosos e ritmados. Ou seja, o termo será empregado aqui como um sinônimo de “música”.

⁴ Até hoje ainda é muito comum no meio artístico o uso da expressão “minha Musa inspiradora”.

seus rituais o Chá Ayahuasca se destacam como um tipo de religiosidade recente que tem na música um pilar essencial, tanto na origem, como também na preservação e transmissão de seus ensinamentos e suas doutrinas.

O Chá Ayahuasca é uma “bebida enteógena” feita por meio da união de duas plantas através do processo de decocção. Essas plantas são: um cipó chamado Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas de uma árvore de pequeno porte chamada Chacrona (*Psychotria viridis*). A bebida vem sendo usada há séculos em rituais indígenas de cunho religioso e xamânico, e há algumas décadas passou a ser utilizada também em religiões urbanas como o Santo Daime e a União do Vegetal (UDV). (SILVA; BRAGA, 2019, p.21)

A palavra “enteógeno” – que é usada por muitos autores para definir a Ayahuasca – é um neologismo moderno, mas que possui raízes gregas, e são traduzidas como: “*en*” (dentro), “*theo*” (Deus), “*gen*” (origem, manifestação). Assim, literalmente, o termo significa “manifestação interior de Deus”. Enteógenos são plantas e outros psicoativos naturais que contêm elementos bioquímicos capazes de induzir estados alterados de consciência. Segundo Maria Meres Costa, Mariana Figueiredo e Silvia Cazenave:

Os chamados “estados alterados de consciência” provocados pelo Chá (Ayahuasca) podem ser considerados como alterações da percepção, cognição, volição e afetividade. [...] Existem trabalhos que propõem quatro características encontradas nos estados alterados de consciência (Labigaline, 1998): (1) Inefabilidade: algo que não pode ser explicado com palavras em nenhum relato adequado do seu conteúdo. A sensação necessita ser experimentada diretamente, não pode ser comunicada ou transferida a outros; (2) Qualidade noética: semelhantes a estados de sentimento, estados de conhecimento, estados de visão interior dirigida a profundezas da verdade não indagadas pelo raciocínio. São revelações, cheias de significado e importância; (3) Transitoriedade: não podem ser mantidos por muito tempo; (4) Passividade: sensação de que a própria vontade está adormecida e de que está sendo agarrado por uma força superior. (COSTA; FIGUEIREDO; CAZENAVE, 2005, p. 315).

A Ayahuasca é um dos enteógenos mais poderosos que existem na Natureza, pois ela é capaz de proporcionar intensos e prolongados estados de alteração da consciência. Mas, é importante destacar que nenhuma das substâncias presentes na Ayahuasca é estranha ao organismo humano, ou seja, todos os princípios ativos do Chá já são naturalmente fabricados pelas pessoas, mesmo aquelas que nunca tiveram contato com esse enteógeno. O que o Chá faz é aumentar a produção de algumas dessas substâncias, enquanto reduz a produção de outras. E já é um consenso entre os maiores pesquisadores do campo que o consumo de Ayahuasca é saudável e seguro, quando conduzido por pessoas experientes e capacitadas para o ritual. (ESCOBAR, 2012, p.37) Assim, ela não deve ser confundida ou associada com alucinógenos, drogas sintéticas ou qualquer outro tipo de substância ilícita. De acordo com Edward MacRae:

A bebida não é considerada pelos seus adeptos como sendo uma 'droga', mas como um veículo de cura, ou sacramento, dotado de grandes poderes transformadores. Assim, toda vez que uma pessoa o toma ela teria a oportunidade de entrar em contato com Deus. (MACRAE, 2015, p. 403).

No Brasil, o consumo da Ayahuasca é totalmente regularizado e liberado para uso em contexto religioso desde 1987.⁵ No que concerne as religiões ayahuasqueiras examinadas nesse estudo, algumas informações são importantes. O Santo Daime, ou simplesmente Daime, é uma religião fundada no estado do Acre nos primeiros anos da década 30 por Raimundo Irineu Serra (1982-1971) – conhecido como Mestre Irineu. A respeito da origem da religião, contam os daimistas que um dia, o Mestre Irineu bebeu o Chá e entrou na floresta. Durante o transe que sentiu, ele contou que olhou para a Lua e nesse momento a Virgem Maria se apresentou. Ela determinou que Mestre Irineu deveria criar um local onde a Ayahuasca pudesse ser comungada e onde se pudesse transmitir os ensinamentos de Jesus. A União do Vegetal (UDV) é uma

⁵ CONAD, Diário Oficial, República Federativa Do Brasil, Gabinete De Segurança Institucional Conselho Nacional De Políticas Sobre Drogas, *Resolução Nº 1 de 25 de janeiro de 2010*. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/resolucao-1-2010_113527.html. Acesso: 01 jun. 2022.

religião formada em 1961 por José Gabriel da Costa (1922-1971), conhecido como Mestre Gabriel. E mesmo tendo sido a segunda religião institucionalizada no Brasil a fazer uso da Ayahuasca em seus rituais, vindo só 30 anos depois do Santo Daime, a UDV tornou-se a maior religião ayahuasqueira do mundo. Atualmente, ela conta com mais de 20 mil sócios em mais de 200 núcleos localizados em todos os estados brasileiros e em outros 10 países: Estados Unidos, Canadá, Peru, Portugal, Espanha, Reino Unido, Suíça, Itália, Holanda e Austrália.⁶ A UDV é a instituição da qual o segundo coautor desse artigo faz parte desde 22 de julho de 2010. Durante os 12 anos de vivência como membro ativo da instituição, e tendo participado de uma média de quatro sessões por mês, o segundo coautor já comungou a Ayahuasca centenas de vezes e esteve presente em mais de quinhentos rituais. Assim, coletou vasto material etnográfico, conheceu bem os ensinamentos da instituição e adquiriu larga vivência com o enteógeno.⁷ Por isso também, aqui serão trazidos mais elementos da UDV do que do Santo Daime, instituição na qual o coautor só comungou o Chá poucas vezes. Neste segundo caso, os dados foram colhidos mais em pesquisas bibliográficas. Portanto, a metodologia que utilizamos foi a de revisão bibliográfica somada à observação-participante.

O estudo foi capaz de revelar como a estrutura musical – ritmo, melodia e harmonia – teve e ainda tem um valor inestimável dentro das tradições que não possuem escritos considerados sagrados, e transmitem de forma oral seus ensinamentos e suas doutrinas. Demonstrou-se também como a música esteve presente na origem do corpus religioso no passado e com ela está presente nas religiões ayahuasqueiras atuais. Mas, antes de adentrarmos no mundo da Ayahuasca e de sua musicalidade sagrada, é importante que façamos uma breve retrospectiva sobre como a música foi

⁶ Fonte: site oficial da União do Vegetal – <https://udv.org.br/organizacao/nucleos-e-distribuicoes/>

⁷ Todas as experiências do coautor com a Ayahuasca foram antropológicamente registradas em suas agendas de campo, inclusive as mais de mil perguntas que fez durante os ritos udevistas, juntamente com suas respectivas respostas.

fundamental tanto na origem como na transmissão e na preservação dos ensinamentos sagrados de outras religiões mais tradicionais.

1. A Música na Origem e Preservação do Ensino Sagrado no Passado

Como revelam as tabuletas cuneiformes das primeiras civilizações sumérias, e os papiros e as paredes das pirâmides do Antigo Egito, já há vários milhares de anos os seres humanos perceberam a existência de uma harmonia matemática no Universo. Na Grécia Antiga, renomados filósofos conheciam e ensinavam sobre as implicações dessa harmonia matemática no Cosmos, sendo uma dessas implicações a ligação direta entre as notas musicais e o movimento dos planetas e demais astros em volta da Terra. Os gregos chamaram essa relação de “Música das Esferas”, e afirmavam que ela revela a existência de uma simetria matemática divina entre o macrocosmo e o microcosmo. (MUCHERONI; MANZOLLI, 2019, p.2)

Na Antiguidade Clássica, o som era compreendido como um nível de manifestação cognoscível de uma vibração que permeia todo o Universo, logo, a vibração sonora de palavras e sons instrumentais podem ser entendidos como uma forma de “mensagem do Cosmos”. São bem conhecidas as palavras de Aristóteles (384-322a.C.): “A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição”.⁸ Tal importância se dava em especial porque a música era considerada uma maneira pela qual o Divino podia se comunicar com os homens, influenciando no seu comportamento e trazendo revelações sobre a natureza de todas as coisas. Esse entendimento já era popular mesmo antes do alfabeto proto-grego e muito antes das poesias homéricas começarem a ser

⁸ Claro que Aristóteles não estava se referindo a qualquer tipo de música, e ele mesmo faz uma série de advertências no livro VIII da “Política”, falando inclusive que é necessário se legislar sobre o tipo e a qualidade das músicas que poderiam ser tocadas para os cidadãos, em especial para as crianças. Nesse artigo, também não nos referimos a qualquer tipo de música, mas aquelas que trazem elevação, compreensão e/ou conforto espiritual para os ouvintes – incluindo as músicas instrumentais.

transcritas para o papel. Por essa razão os antigos gregos ficaram conhecidos como um conjunto de povos “eminente musical”. (ROCHA JR, 2007, p.31) É por isso também que a música era parte indispensável do antigo sistema educacional grego conhecido como “*paideia*”. Mesmo nos mitos dos heróis e dos Deuses aparecem referências aos instrumentos musicais, contando a origem de alguns deles, como a lira no mito de *Hermes* e a flauta no mito de *Atena*.

Contudo, muito antes dos gregos, a música já era uma importante parte da cultura egípcia. Para os antigos egípcios, o Deus *Thot* foi o inventor da música, e Osíris (o “Deus Pai”) a utilizou como uma ferramenta para trazer os ensinamentos divinos à Terra e ajudar a humanidade a se desenvolver. O famoso “Livro dos Mortos”,⁹ encontrado em quase todos os túmulos egípcios antigos, é uma coletânea de feitiços, litânicas, orações e hinários que são apresentados em dezenas de estrofes compostas por versos que têm rima entre si. Para o egiptólogo Telo Canhão:

A música fazia parte da sua sensibilidade. Era uma arte divina e, em simultâneo, profundamente humana, que se impunha no quotidiano da vida egípcia fazendo parte da sua oração, dos seus cultos funerários e, sobretudo, juntamente com a palavra, servia para manter *Maat*.¹⁰ (CANHÃO, 2011, p. 1)

Na tradição hindu também não foi diferente. Valmiki, reverenciado como o primeiro poeta, a quem é atribuída a autoria do que é considerado por muitos como o poema épico mais belo de todos os tempos, o *Ramayana*, iniciou seu texto reverenciando quatro Deuses, entre eles *Saraswati*, a “Deusa das palavras e das histórias”. (BUCK, 2011, p. 32) Essa “Deusa Mãe”, além de esposa de *Bhrama* (Deus Supremo Criador), é também a protetora dos músicos e de todas as demais classes de artistas. No Hinduísmo, *Saraswati* exerce um papel muito similar ao das Musas gregas, trazendo inspiração divina para os artistas.

⁹ O título correto do “Livro dos Mortos” é “Livro da Saída para a Luz”.

¹⁰ *Maat*, ou *Ma'at*, é a Deusa egípcia da justiça, da verdade e da ordem. Esposa do deus *Toth*, Ela é a Deusa que mantém a ordem cósmica e social. *Maat* é um Princípio espiritual que caracteriza a Grande Lei Universal, algo que se assemelha ao *Darma* no Hinduísmo.

A outra epopeia que edifica o sistema religioso hindu é o *Mahabharata*. Trata-se de um texto monumental, que possui cerca de 90.000 versos,¹¹ sendo, até hoje, o maior poema épico já escrito. A origem do *Mahabharata* remonta a ensinamentos religiosos que possuem mais de 5 mil anos, e que sobreviveram graças à tradição oral indiana. Nesse sentido, não há dúvidas de que a musicalidade esteve presente tanto na origem quanto na preservação dos ensinamentos sagrados também no Hinduísmo, pois a música para os antigos hindus estava subordinada aos Deuses e devia ser utilizada para relevar os seus segredos e mistérios. O historiador e musicólogo francês Alain Daniélou (1907-1994), que viveu quase 30 anos na Índia e se converteu ao Hinduísmo, diz o seguinte da música indiana:

O objetivo desta música não é soar bela, mas sim sugerir beleza, modelá-la e criá-la. Ela evoca o esplendor das estações e das horas do dia e da noite, a profundidade dos sentimentos humanos e o poder de suas emoções. Ela abre para nós a porta para os mundos celestiais, mas permanece como verdade, que é *niranjana*,¹² “o não adornado”. Não é bela em si. Não é a porta do paraíso que é bela, mas o que alguém vê através dela. As harmonias de formas, cores e sons parecem belos para nós apenas porque elas remetem a uma realidade mais elevada. (DANIÉLOU *apud* CINTRA, 2008, p. 90).

A musicalidade também se encontra presente na tradição judaico-cristã. Os textos atribuídos a Moisés, base desse sistema religioso, tinham a estrutura de poemas, e já entre os antigos hebreus, a música tinha um papel importante nas festividades e nas atividades das sinagogas e do Templo de Jerusalém. (FRIEDMAN, 1989, p.317) Na perícopes 1 Samuel 10:5 está escrito que os profetas recebiam formação musical com o objetivo de ofertar a Deus uma música de qualidade durante os momentos de louvação. De acordo com Richard Friedman, comumente, os profetas traziam suas mensagens em forma de versos, ou como uma combinação entre prosa e poesia. (FRIEDMAN, 1989, p.36) E em virtude da origem comum,

¹¹ Caso o *Harivamsa* seja incluído como sendo anexo e parte do *Mahabharata*.

¹² Na tradição hindu, *Niranjana* ou *Niranjana* é uma palavra sânscrita que significa: imaculado, puro, desprovido de todas as objetivações, sem qualquer mácula.

decerto que muitos outros exemplos poderiam ser aqui citados como forma de demonstrar a presença da música nas Escrituras Sagradas cristãs, tanto no Antigo Testamento – Livro de Jeremias, Salmos e Cânticos de Davi e Salomão, etc. – quanto no Novo Testamento – a *Magnificat* de Maria (Lc 1:46-55), o *Benedictus* de João Batista (Lc 1:68-79), o Cântico de Simeão (Lc 2:29-32), os hinários cantados por Jesus e seus apóstolos (Mt 32:30), etc.

Quanto a origem desses ensinamentos ter sido em forma de música na tradição judaico/cristã, há diversas passagens demonstrando que os próprios profetas afirmavam escutar diretamente de Deus (ou de um Anjo enviado por Ele) as palavras que deveriam recitar. Alguns simplesmente abriam a boca e as palavras saíam, sem nada escutar. A própria palavra “profeta”, *nabí* (נָבִיא) em hebraico, tem sua origem explicada em Deuteronômio 18:18, que diz: “Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhes ordenar”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012) Essa mesma noção perdurou por milhares de anos, sendo adotada inclusive pela tradição mística judaica: a Cabala (קַבָּלָה), que em hebraico significa “receber”, no sentido de receber o conhecimento do Alto, de Deus.

Passando para o Islamismo, a palavra “Alcorão” (como é chamado o livro sagrado do Islã) provém de um verbo árabe que significa “recitar ou declamar”, o que denota que seus textos devem ser recitados em voz alta e não apenas lidos de qualquer forma, ou mesmo em silêncio. Entendemos melhor essa recomendação quando escutamos os versos do Alcorão sendo declamados, pois estes são repletos de melodia e ritmo, e criam uma vibração sonora no ambiente que se assemelha a um cântico, um hinário religioso, recheado de lições, doutrinas e louvores a Alá.

O Alcorão é composto por mais de 6.500 versos ditados por Maomé (571-632) no decorrer de 23 anos. Porém, o que mais chama a atenção no estudo sobre a origem dos ensinamentos sagrados islâmicos é o fato de que Maomé era analfabeto. Como alguém que não sabia ler nem escrever foi capaz de produzir alguns dos poemas mais belos

de toda a cultura islâmica? Essa é uma questão realmente intrigante e que nos faz ponderar a respeito da origem dessas mensagens musicais. O renomado sociólogo da religião Rodney Stark apresenta a seguinte reflexão:

Maomé, que detestava a poesia, foi o maior poeta a sair da Arábia. Como isso poderia acontecer? Suponha que alguém com os dons literários de William Shakespeare fosse submetido a uma série de eventos mentais que ele ou ela interpretou como contato com o sobrenatural. Não seria provável que as revelações produzidas dessa forma fossem mensagens de profundidade, beleza e originalidade? A questão é, claro, como os gênios podem confundir a fonte de sua revelação? [...] A maioria dos compositores compõe, isto é, eles escrevem música lentamente, algumas notas de cada vez. Mas não é assim que todos os compositores trabalham. Para Mozart e Gershwin, as melodias simplesmente chegavam até eles de forma completa – eles não compunham melodias, eles simplesmente tocavam o que ouviam e depois anotavam o que ouviam. E ambos pareciam considerar as fontes de sua música como de alguma forma “lá fora”, como externo. (STARK, 1999, p. 293, tradução nossa)¹³

No caso de Maomé, ele mesmo afirmou que a “Palavra de Deus” trazida em versos no Alcorão, foi-lhe revelada pelo Anjo Gabriel. Ele apenas repetia as palavras que ouvia enquanto os escribas podiam copiá-las. De acordo com Stark, durante as revelações recebidas por Maomé, o seu desempenho teria sido mais parecido com alguém lendo do que com alguém compondo a escritura. (SATRK, 1999, p.295)

É importante destacarmos novamente que todos os textos sagrados supracitados, desde sua origem, possuem uma estrutura sonora, semelhante à

¹³ Texto original de Stark: “Muhammad, who detested poetry, was the greatest poet to come out of Arabia. How could this happen? Suppose that someone with the literary gifts of William Shakespeare underwent a series of mental events he or she interpreted as contact with the supernatural. Would it not be likely that the revelations produced in this way would be messages of depth, beauty and originality? The question is, of course, how can geniuses mistake the source of their revelation? [...] Most composers compose. That is, they write music slowly, a few notes at a time. But this is not the way all composers work. For Mozart and Gershwin, melodies simply came to them in completed form - they did not compose tunes, they simply played what they heard and later wrote down what they had heard (although they often polished what they had originally heard). And both of them seemed to regard the sources of their music as somehow ‘out there’, as external”.

estrutura musical, dotados de uma métrica ritmada. E, como todos eles conseguiram sobreviver por muito tempo antes de terem sido escritos. É possível deduzirmos que a musicalidade, fator em comum entre todos, foi o que permitiu terem sido memorizados e, assim, preservados.

No entanto, antes de analisarmos o mérito da preservação em si, queremos chamar a atenção para algo que não nos pareceu irrelevante em nossa pesquisa: O fato de todos os autores desses versos sagrados terem afirmado que a origem dos mesmos é divina (ou simplesmente espiritual) tendo chegado até a eles por revelação. Porém, alheio a essa congruência de depoimentos de tantos personagens históricos que foram reconhecidos como sábios e que influenciaram, e ainda influenciam, bilhões de pessoas, parece haver uma posição dogmática dentro da Academia de que a explicação de revelação não deve ser aceita pelos cientistas. Segundo Stark:

As “causas” das revelações pareciam óbvias para a maioria dos cientistas sociais: aqueles que afirmavam ter recebido revelações - por se comunicar com o sobrenatural - são loucos ou desonestos, e às vezes ambos. De fato, mesmo muitos cientistas sociais que assumiriam a racionalidade de fenômenos religiosos mais mundanos, acham completamente impossível aceitar que pessoas normais possam sinceramente acreditar que se comunicaram com o Divino. [...] Ben-Ami Scharfstein afirmou que “o misticismo é um nome para a escuridão paranóica em que pessoas desequilibradas tropeçam com muita confiança”. Embora os estudiosos sejam mais circunspectos do que Scharfstein, tem sido uma posição ortodoxa essa de que as principais figuras religiosas do mundo, incluindo Moisés, Jesus e Maomé, bem como milhares de reveladores mais recentes, como Joseph Smith Jr., Bernadette Soubirous e Sun Moon, eram psicóticos, fraudadores ou ambos. (STARK, 1999, p. 287, tradução nossa)¹⁴

¹⁴ Texto original de Stark: “The reason for this theoretical neglect has been that the ‘causes’ of revelations have seemed obvious to most social scientists: those who claim to have received revelations - to have communicated with the supernatural - are either crazy or crooked, and sometimes both. Indeed, even many social scientists who will assume the rationality of more mundane religious phenomena, find it quite impossible to accept that normal people can sincerely believe they have communicated with the divine. [...] Ben-Ami Scharfstein (1973) revealed that ‘mysticism is ... a name for the paranoid darkness in which unbalanced people stumble so

De fato, a grande maioria dos cientistas sociais e dos demais teóricos naturalistas se apressa em negar a existência de qualquer aspecto transcendental na origem dos ensinamentos sagrados. Porém, ainda restam muitas dúvidas a respeito da real fonte dessas composições poéticas e musicais tão extraordinárias, encontradas nos antigos versos sagrados de praticamente todas as religiões. E talvez, a questão basilar esteja naquilo que Stark destacou em seu estudo, ou seja, por que os poetas/profetis negariam sua obra e afirmam ter recebido os ensinamentos em forma de poesia durante transes espirituais?

Depois voltaremos a analisar essa questão da origem dos ensinamentos religiosos, quando adentrarmos nas tradições ayahuasqueiras. Mas, agora enfoquemos especificamente em como ocorreu a preservação de tantos corpus religiosos. Para essa parte, vamos nos alicerçar nos estudos de Amadou Hampaté Bá (1901-1991), um respeitado etnólogo malinês, considerado por muitos um mestre da tradição oral africana. Segundo Bá: “O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. [...] Nada prova *a priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral”. (BÁ, 1982, p. 168) Ainda assim, quando analisamos as histórias dos diversos conhecimentos religiosos até o momento de sua transcrição para os textos, sempre surge a pergunta sobre como tantos conhecimentos puderam ser transmitidos de maneira oral, geração após geração, e não terem sido esquecidos ou totalmente deturpados. Ou seja, como em diversas culturas da história humana simplesmente a tradição oral foi capaz de preservar esse vasto número de ensinamentos sagrados antes deles terem sido redigidos? De acordo com Bá, constatou-se que é nas “sociedades orais” – que não têm a cultura da escrita – onde se encontram as

confidently'. Although scholars often are more circumspect than Scharfstein, it long has been the orthodox position that the world's major religious figures, including Moses, Jesus, and Muhammad, as well as thousands of more recent revelators such as Joseph Smith, Jr., Bernadette Soubirous, and Sun M. Moon, were psychotics, frauds, or both”.

populações com a memória mais desenvolvida. Além disso, outro fator que deve ser levado em consideração é que nas sociedades de tradição oral a palavra tem um outro peso, pois todo sistema de relações está embasado pelo compromisso com ela (a palavra empenhada). Sobre isso, Bá afirma:

É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (BÁ, 1982, p. 168).

Contudo, o comprometimento do homem com aquilo que ele diz e a maior capacidade de memorização pode, ainda, não ser suficiente para explicar o elevado grau de fidedignidade que os conhecimentos religiosos conseguiram manter após terem sido retransmitidos por dezenas de gerações. Para termos uma ideia mais acurada, observemos o exemplo dado por Bá a respeito do grau de inalterabilidade que existe na tradição oral:

Constatai que, no conjunto, meus mil informantes haviam respeitado a verdade dos fatos. A trama da narrativa era sempre a mesma. As diferenças, que se encontravam apenas em detalhes sem importância, deviam-se à qualidade da memória ou da verve peculiar do narrador [...] Só do acompanhamento musical, o contador de histórias podia deixar-se levar pelo entusiasmo, mas a linha geral permanecia a mesma: os lugares, as batalhas, as vitórias e as derrotas, as conferências e diálogos mantidos, os propósitos dos personagens principais, etc. Essa experiência provou-me que a tradição oral era perfeitamente válida do ponto de vista científico. É possível comparar as versões de diferentes etnias, como fiz, a título de controle, mas a própria sociedade exerce um autocontrole permanente. Com efeito, nenhum narrador poderia permitir-se mudar os fatos, pois à sua volta haveria sempre companheiros ou anciãos que imediatamente apontariam o erro, fazendo-lhe a séria acusação de mentiroso. O professor Montet certa vez referiu-se a mim como tendo relatado, no Império Peul de Macina, narrativas que seu pai havia coletado 50 anos antes, das quais nenhuma palavra tinha sido alterada. (BÁ, 1982, p. 207).

Ao fazermos tais reflexões sobre as sociedades de tradição oral, compreendemos que a musicalidade presente nos ensinamentos sagrados tem como uma de suas principais funções a preservação da autenticidade desses ensinamentos. Pois, se em uma música que esteja sendo executada, existe uma palavra ou uma nota a mais, ou a menos, ou diferente, todos que conhecem aquela música notaram que algo está errado. Outro exemplo bastante claro da facilidade de memorização que existe devido à musicalidade presente nos versos é algo que acontece com praticamente todas as pessoas. De um modo geral, os seres humanos têm uma expressiva dificuldade de conseguir lembrar todas as palavras de um simples parágrafo com poucas linhas de um texto qualquer, entretanto, essas mesmas pessoas conseguem lembrar de dezenas de letras de músicas, com várias estrofes, palavra por palavra.

Mesmo em nossa época, o uso da metodologia musical como transmissora de conhecimento continua sendo utilizado, como por exemplo, nas salas de aula, quando professores talentosos conseguem musicar o conteúdo de suas disciplinas, objetivando a melhor memorização do que foi transmitido. Nesse mesmo sentido, pesquisas mostram que o envolvimento mais direto e prolongado com a musicalidade, na forma de aulas de música semanais, estende os efeitos cognitivos benéficos da música, podendo aumentar o Q.I. de crianças, tornando-as mais inteligentes. (SCHELLENBERG; WEISS, 2005, p. 320) Indo além, os efeitos benéficos da música no cérebro já foram objeto de estudo de diversos psicólogos. O ato de ouvir música ativa diversas regiões de ambos os hemisférios do cérebro humano, incluindo aquelas relacionadas às funções motoras, ao processamento emocional, à atenção, ao processamento semântico e à memória, melhorando o funcionamento cognitivo e emocional. (SÄRKÄMÖ; TERVANIEMI; FORSBLOM, et al, 2008, p. 866).

Diante dessa série de fenômenos que ocorrem no ato de ouvir música, não é difícil para nós entendermos porque eles foram observados e usados, desde a Antiguidade, para a transmissão de doutrinas e preceitos religiosos. Portanto, a

dedução elementar dessa primeira parte do nosso estudo confirma a proposição inicial de que a estrutura musical existente nos poemas religiosos antigos foi essencial na gênese e na eficaz transmissão e preservação dos conhecimentos que, posteriormente, foram escritos. Com isso em mente, faremos, a seguir, uma análise sobre como esses elementos presentes na relação música/religião reverberam com ainda mais intensidade nas tradições religiosas ayahuasqueiras.

2. A Música e os Ensinos Sagrados nas Tradições Ayahuasqueiras

Milhares de anos depois dos poetas/profetis das mais diversas culturas da Antiguidade cantarem os ensinamentos sagrados em versos imortalizados, ainda hoje a relação entre música e religião continua próxima, mesmo que essa relação não tenha mais a mesma intensidade que existiu no passado. No Neopentecostalismo, na Igreja Católica, nos cultos Afro-brasileiros, no movimento Hare Krishna, nos rituais budistas, nos encontros *New-age*, nas religiões místicas e esotéricas, e em muitas outras tradições religiosas, a música continua a ser parte integrante do universo de experiências sagradas vivenciado pelos fiéis.

Tanto no Santo Daime como na UDV, foram mesclados elementos culturais diversos, especialmente do catolicismo popular, do esoterismo, das tradições caboclas, indígenas e xamânicas, e das tradições afro-brasileiras. No Santo Daime, seus rituais contam com uma forte presença musical desde a sua origem. Além dos hinos religiosos cantados, também estão presentes instrumentos musicais como: maracás, violas, violões, flautas, sanfonas, teclados, atabaques e outros instrumentos de percussão. No ritual daimista, depois de beber a Ayahuasca (que é chamado por eles de “Daime”) os presentes começam a tocar os instrumentos, cantar os hinários e fazer o movimento do bailado (dois passos para a direita e dois passos para esquerda). Os hinários daimistas são orações cantadas trazidas inicialmente pelo Mestre Irineu e, depois, por muitos outros seguidores da doutrina. Durante o ritual

daimista, as vozes em uníssono adquirem um tom anasalado, semelhante as vozes de rezadeiras do catolicismo popular. A atmosfera criada pelo transe da Ayahuasca, pelos sons dos instrumentos e de todos cantando, e até, pelo bailado, é algo sublime, que literalmente envolve os participantes. A música é continua até o final dos trabalhos.

Na UDV, as “sessões” (como são chamados os rituais udevistas) funcionam na maior parte do tempo no sistema de perguntas e respostas entre mestres e discípulos. Mas, também são tocadas várias músicas, e ainda existem as “chamadas”, que também são um tipo de oração cantada, mas numa tonalidade e ritmo diferentes dos hinários daimistas. As chamadas têm a função de trazer (“chamar”) uma “Força Espiritual” para o salão onde acontece o rito. Essa “Força” pode se apresentar de várias maneiras, por isso existem diversos tipos de chamadas: chamadas de força, chamadas de equilíbrio, chamadas de cura, chamadas de socorro, chamadas pra aumentar ou diminuir os efeitos da Ayahuasca, chamadas pra doutrinar e admoestar os discípulos, outras pra acalmar, outras chamadas dão motivação para enfrentar dificuldades que a pessoa esteja atravessando, algumas chamadas são pra “encantar” (trazer mirações),¹⁵ etc... Um leque de funções, que muitas vezes se sobrepõem em uma mesma chamada, por exemplo, quando uma mesma chamada aumenta o efeito do Chá, traz força e ainda mostra “encantos”.

Ao todo são 77 chamadas trazidas pelo Mestre Gabriel e 80 de outros mestres e discípulos da UDV.¹⁶ De um modo geral, é pelas chamadas que são passadas as histórias, as doutrinas e os ensinamentos. Mas a música popular também pode ser usada

¹⁵ Os “encantos” superiores são mostrados em imagens belíssimas e extraordinárias que aqueles que ingerem o Chá da Ayahuasca conseguem enxergar, mesmo de olhos fechados. Tanto na UDV quanto no Santo Daime, as visões provocadas pela Ayahuasca são chamadas de “mirações”.

¹⁶ Essa conta pode mudar, com a descoberta de alguma gravação com a voz do Mestre Gabriel fazendo uma chamada que não era lembrada, ou, se o “Conselho da Recordação dos Ensinamentos do Mestre Gabriel” aprovar uma nova chamada de autoria recente de algum dirigente da instituição.

para cumprir essas mesmas funções durante o ritual udevista.¹⁷ E nesse caso, os autores das músicas populares não precisam ser da UDV. Mesmo músicas instrumentais e hinários daimistas podem ser tocados nas sessões. O que é levado em consideração é o que diz a poesia da música, que deve necessariamente trazer uma mensagem positiva. Observa-se também se não há “palavras vaciladas” na letra (ex: traição, morte, luxúria, etc...) e como a música que é proposta se correlaciona com o assunto que está sendo tratado na sessão. Nesse aspecto, ainda que o ritual udevista tenha muito menos tempo de música e existam muito menos chamadas em comparação com as centenas de hinários daimistas, a UDV consegue ter ao seu dispor um repertório musical ainda mais amplo do que o Santo Daime, onde só se tocam os hinários.

Na prática, chamadas, hinários e músicas populares com mensagens elevadas positivas, funcionam de modo muito similar. Mas no caso das duas primeiras, elas também detêm as funções de apresentar e preservar o panteão de cada religião. É através dos hinários e das chamadas que são preservados os conhecimentos a respeito de “seres espirituais” como: Tuperci, Ripi, Formosa, Unaqui, Reis Titango, Princesa Soloína, Tintuma, Agarrube, Caboclo Tucum, etc... no caso do Santo Daime. E, no caso da UDV: Hoasca, Tiuaco, Caiano, Solhinha, Ancarilho, Rei Canaã, Dr. Camalango, Samaúma, Princesa Marina, etc... Mas as chamadas e os hinários também trazem personagens históricos tal qual: Jesus, Salomão, Santa Ana, Santa Maria, Cosmo e Damião, São José, etc... Por exemplo, o hinário de São João, de autoria do Mestre Irineu, traz diversos personagens históricos que também estão presentes em diversas outras tradições cristãs:

São João era menino / Só vivia nas campinas / Pastorando as suas
ovelhas / Pregando as Santas Doutrinas / Pregando as Santas
Doutrinas / O amor Ele empregou / Atrás dele veio Jesus / Toda

¹⁷ Diferentemente do ritual daimista, onde sempre são tocadas músicas ao vivo, na UDV as músicas são tocadas em sistema de som, e só em algumas ocasiões especiais acontecem apresentações ao vivo.

verdade afirmou / Toda verdade afirmou / Gravou no coração /
Ambos foram batizados / No Rio de Jordão / No Rio de Jordão /
Ambos tiveram em pé / Um é filho de Maria / E o outro é filho de
Isabé (Isabel) / Jesus estava vestido / Com sua roupa cor de cana /
Dando viva ao Pai Eterno / E viva a Senhora Santana (MESTRE
IRINEU, O CRUZEIRO, n. 66).

No Santo Daime, a grande maioria dos hinários trazem doutrinas, objetivando moldar a formação moral e ética de seus fiéis. Para Katia Benati Rabelo: “Os hinos apresentam ou revelam a ‘Doutrina do Daime’, seria um ‘Terceiro Testamento’, contido nos principais hinários. Portanto, expressar essa doutrina seria a função central dessa música religiosa”. (RABELO, 2013, p.161) Lembremos que tanto a União do Vegetal quanto o Santo Daime são religiões de tradição oral, ou seja, não possuem livros considerados sagrados onde estariam contidos ensinamentos e doutrinas. Por isso as chamadas e os hinários funcionam como uma forma de gravar conhecimento e princípios morais “no coração” dos discípulos, pois são facilmente assimilados pelos ayahuasqueiros através do processo de memorização anteriormente citado. Isso tudo ainda é potencializado pela expansão cognitiva e auditiva proporcionada pelo consumo da Ayahuasca.

A musicalidade é usada também como forma de fazer os discípulos terem um entendimento mais elevado do ensino ao mesmo tempo em que registram a informação do corpus religioso. Um exemplo é a chamada “Rei Rabino”, de autoria do Mestre Gabriel, que fala de Salomão e também do batismo de Jesus. Alguns dos versos trazem mistérios quase imperceptíveis para os neófitos: “Rei, Rei, Rei / Divino é Salomão¹⁸ / Autor de toda ciência / E do batismo é São João / Nas águas do Rio Jordão / Aumentai nossa ciência / Com a divina guarnição / O batismo verdadeiro / É a Luz no coração”. Mais do que falar a respeito de Salomão e/ou trazer a história do batismo de Jesus, o objetivo dessa chamada é fazer os discípulos entenderem que

¹⁸ Salomão está na gênese da UDV, pois, de acordo com a tradição udevista, foi Salomão quem uniu o Mariri e a Chacrona, fazendo o Chá pela primeira vez, e trazendo toda a ciência ayahuasqueira.

o “batismo verdadeiro” acontece quando eles gravam em seus corações “a Luz”, que são os ensinamentos, e passam a agir de acordo com o que diz a doutrina “cristã reencarnacionista”¹⁹ da UDV.

A tradição oral parece ter perdido importância após o advento da escrita, e ela aparenta ser ainda mais irrelevante no tempo atual, onde diversas formas de mídia são utilizadas para registrar e difundir conhecimento. No entanto, o uso da musicalidade na transmissão do corpus religioso permite que esses ensinamentos estejam no verdadeiro lugar onde eles devem estar, que é na consciência dos discípulos. Pois mesmo que alguém possua exemplares de todos os livros considerados sagrados por todas as tradições religiosas, de nada adiantará se esse alguém não ler, não lembrar e não refletir a respeito dos ensinamentos que estão contidos nos textos sagrados. Destarte, o ensino musicado é bem mais fácil de ser memorizado.

Mas, enquanto a autoria? Das músicas populares, a princípio, nós conhecemos seus autores (inda que, muitos dos compositores de músicas maravilhosas afirmem tê-las “recebido” por inspiração).²⁰ Mas de onde vêm os hinários e as chamadas? Se alguém faz essa pergunta na UDV ou no Santo Daime, em geral, a resposta é a mesma: Vem do “Astral Superior”. Mas se alguém pergunta quem é o autor de uma chamada? Na UDV, se explica que é aquele que fez a chamada a primeira vez, mas não porque ele criou a chamada, ele é o autor da chamada porque ele foi “autorizado” a trazer aquele conhecimento superior em versos. No Santo Daime, parece ocorrer um processo muito similar. Segundo Christian Weik:

¹⁹ Expressão usada por mestres da instituição para explicar os princípios basilares da UDV.

²⁰ Um exemplo vem dos cantores e compositores Almir Sater e Renato Teixeira com a música “Tocando em Frente”. Sater conta que a música foi feita despretensiosamente, “sem pensar”, num intervalo curtíssimo de tempo, “às pressas”. Sater “recebeu” a melodia, enquanto Teixeira “recebeu” a letra. Nas palavras de Sater: “Acho que essa música veio como um presente pra gente poder cantar essa mensagem tão bonita, tão otimista. Acho que não tem talento pra fazer uma música em 1 minuto, 2 minutos, assim, letra e música. Acho que essa daí foi psicografada mesmo”. Fonte: SATER, Almir. *Tocando em Frente* - TV Cultura. Youtube, 05/10/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWtjTkixv5M&ab_channel=TVCultura>

Conta-se que inicialmente as canções eram ensinadas pela planta à Irineu na forma de assobios, demonstrando uma origem vegetalista em sua iniciação. Em uma noite, Irineu estava tendo uma miração com a lua quando a própria Rainha da Floresta (Nossa Senhora) surgiu, afirmando que ele iria deixar de assobiar e aprender a cantar. Assim, Irineu apenas abriu a boca e surgiu “Lua Branca”, o primeiro hino. Nesse sentido, a doutrina daimista é baseada na dádiva, na qual os hinos são concebidos como presentes, prendas ou flores, recebidos mediunicamente do espaço espiritual, trazendo entendimentos e curas. (WEIK, 2021, p. 112).

Na UDV, a pessoa que bebe a Ayahuasca e vai dirigir uma sessão tem o objetivo de se conectar com Deus, e inspirado por Ele, falar. Por isso que no começo de cada sessão, o mestre que está dirigindo o ritual diz as seguintes palavras: “Vim abrir meu oratório ao Divino Espírito Santo”. No sentido de que o Espírito Santo pode falar pela boca de quem estará respondendo às perguntas na sessão. Como vimos, esse fenômeno muito se assemelha ao que aconteceu com os poetas/profetos do passado, e também parece ocorrer nos rituais daimista. Segundo Bia Labate e Gustavo Pacheco, em alguns momentos o sujeito pode ser o autor do hinário, pode ser apenas quem canta e/ou ouve o hinário, mas também pode ser a própria Divindade, criando uma conexão entre os participantes do ritual com o Divino. Para Labate e Pacheco: “É como se a Divindade houvesse encontrado uma voz através da qual expressar-se”. (LABATE, PACHECO, 2007, p. 68).

E como chegam os hinários e as chamadas para os autores? Às vezes, a chamada chega na consciência da pessoa, e ela simplesmente começa a pronunciar as palavras, verso por verso, sem ter ideia do verso que ela dirá a seguir. Mas, às vezes, os autores relatam que “saíram do corpo”, foram “nos Encantos” e lá receberam a poesia, trazendo em seguida para as outras pessoas conhecerem também. De acordo com Rabelo:

Recebê-las (melodias e letras) fez parte de intensa experiência, da atenção do receptor ao “ser” (autor/doador) ou “voz”. “Dentro” da miração, muitas vezes um desvio de qualquer ordem pode pôr tudo a perder e um hino maravilhoso “ficar por lá”. Tal “atenção”

possibilita “traduções” entre mundos, divino-humano, espiritual-material. O entendimento da dádiva recebida faz do receptor um fiel reproduzidor do que ouviu, o que também é esperado de quem o ouve. [...] De quem é? Da onde vem? Quase sempre a mesma resposta - “do Astral”, “do Astral Superior”. (RABELO, 2013, p. 163).

Mais do que a palavra dos autores das chamadas e hinários dizendo que receberam os versos e não simplesmente os criaram, existem outros elementos que também reforçam essa teoria. E aqui não estamos nos referimos apenas ao fato de lindas poesias serem trazidas por pessoas que, em sua imensa maioria, são iletradas, algumas até completamente analfabetas. Afinal, Cartola (Angenor de Oliveira, 1908-1980) fez apenas o primário, e foi um dos maiores sambistas de todos os tempos, mas ele, ao menos, sabia ler. Mas o Mestre Gabriel não estudou nem mesmo o primário, foi autodidata, viveu muitos anos dentro dos seringais da Amazônia, e mesmo assim trouxe chamadas de grande beleza e precisão simétrica, e que usavam palavras como: “emboladoras”, “resplandeceu”, “guarnecendo”, “vivíssimo”, “alcançai”, “correger”, etc...

Mas, como explicar que um autor faça uma chamada ou um hinário, e recite palavras que o próprio autor nunca tinha escutado, ou traga informações que ele mesmo desconhecia? Esse é o caso do mestre da UDV José Luiz de Oliveira, conhecido como mestre Zé Luiz. Foi uma das pessoas mais próximas ao Mestre Gabriel, e é autor de 16 chamadas, sendo reconhecido como uma das maiores autoridades dentro da UDV. Um homem que só completou o ensino médio, mas que, em uma de suas chamadas, “Arvoredo”, fala dos ciclos da natureza e usa o termo “verticilo floral”, que na botânica é usado para designar o aparelho reprodutor masculino da flor. O mestre Zé Luiz assegurou que antes de receber a chamada, ele não conhecia nem o termo nem o seu significado.

Outro enigma é explicar como ainda nos anos 60, uma chamada do Mestre Gabriel tenha profetizado que o dinheiro no Brasil iria ter o nome de “real”. Na

chamada “Tenente-coronel”²¹ alguns versos dizem: “Vem pagar o nosso soldo / Sem faltar nem um real”. É válido destacar que o “Cruzeiro Real”, moeda da qual derivou a atual moeda “Real”, só foi lançado em 1994, 23 anos após o Mestre Gabriel desencarnar.²²

E ainda, como explicar que o autor de uma chamada não consiga lembrar da poesia que acabou de recitar? Por exemplo, o mesmo mestre Zé Luiz conta que em uma sessão em homenagem ao Dia das Mães, recebeu a chamada “Mãe Gloriosa”, fez ela durante o ritual, todos a escutaram. Mas ao terminar a sessão, nem ele nem os demais lembravam das palavras que eram ditas nessa chamada. Por isso, a poesia “continuou lá no Astral”, sem que ninguém soubesse fazê-la novamente. No entanto, 10 anos depois, também numa sessão de Dia das Mães, o mesmo Zé Luiz recebeu a chamada outra vez. Mas, dessa vez, ele conta que assim que terminou de recitá-la, correu, pegou papel e caneta e a anotou. A beleza poética da chamada Mãe Gloriosa é difícil de ser descrita por aqueles que a escutam. Diz sua letra:

Neste dia de Maria / Com fé, firmeza e amor / Vamos unidos louvar
/ A mãe de nosso Salvador / Que ao pé da cruz de seu Filho /
Derramou prantos de dor / E por tão grande martírio / O Poder a
glorificou / Ó, Virgem Mãe Gloriosa / És a mãe mais amorosa / O
vosso amor é profundo / Por vosso infinito amor / Olhai por nós
pecador²³ / Pois és a mãe de todo mundo (JOSÉ LUIZ DE
OLIVEIRA).

À vista de tudo que apreciamos, ficou fácil perceber a importância fulcral da música tanto na origem quanto na preservação dos ensinamentos religiosos nas tradições

²¹ Na maioria dos exércitos do mundo, o Tenente-coronel exerce a função de administração da tesouraria e é encarregado pelo pagamento dos soldos nos batalhões.

²² O Mestre Gabriel também tem outra chamada que usa o termo “real” para se referir ao dinheiro. Ele também fez outras profecias fora das chamadas. Sobre a moeda brasileira, numa época de hiperinflação, perguntaram pra Ele quando o dinheiro no Brasil teria valor. Ele respondeu: “Quando for real”.

²³ O uso da palavra “pecador” no singular, e não no plural, tem uma explicação mística elevada. Não é um erro de concordância do autor da chamada nem dos autores desse artigo, como, à primeira vista, poderia se imaginar. Entretanto, tal explicação não pode ser explanada aqui por fazer parte dos “ensinamentos reservados” da União do Vegetal.

ayahuasqueiras. Dentro de nosso estudo, fomos além, e vimos ainda como, mesmo na contemporaneidade onde várias formas de registro são possíveis, a musicalidade permanece tendo um valor inestimável para as religiões por sua capacidade de alcançar o espírito das pessoas com beleza e emoção.

Considerações Finais

Nossa breve incursão pelo mundo da música religiosa ayahuasqueira nos revelou um panorama histórico-sociológico-teológico que nos permitiu vislumbrar o formidável potencial que existe nesse campo das Ciências da Religião. Foi possível perceber também que a musicalidade nas tradições religiosas que fazem uso da Ayahuasca, é um elemento essencial para compreender a origem de cada uma dessas tradições, seus ensinamentos e sua doutrina. Destacando ainda, o uso da música como um método eficaz de transmissão desse conteúdo para os fiéis. Como bem resumiram Labate e Pacheco, hinos e chamadas “podem ser considerados os portadores por excelência do corpus religioso das religiões ayahuasqueiras”. (LABATE; PACHECO, 2009, p. 97).

No corolário de nosso estudo, queremos enfatizar o testemunho dos autores, tanto das chamadas na UDV quanto dos hinários no Santo Daime, que afirmaram ter recebido esses conhecimentos na forma de revelação. Como vimos no retrospecto da relação entre música e religião em diversas culturas (grega, egípcia, hindu, judaico-cristã e islâmica), e assim como nos alertou Rodney Stark, não devemos nos precipitar em chamar de “psicóticos, fraudadores ou ambos” homens de grande valor e sabedoria como Valmiki, Homero, Moisés, Jesus, Maomé, ou mesmo, o Mestre Gabriel (que, durante toda sua vida, sempre demonstrou ter elevados princípios morais e éticos). Portanto, descartar a afirmação de dezenas de autores de hinários e chamadas como sendo mentira ou ilusão, não parece ser uma atitude que encontra amparo na realidade observada.

Em síntese, a origem de tantos ensinamentos religiosos inestimáveis parece ser uma questão ainda em aberto na Ciência, mas que já demonstrou ser bem mais complexa do que se poderia imaginar ao primeiro olhar. Tão complexa que é possível que essa pergunta não possa ser satisfatoriamente respondida pelo atual paradigma do naturalismo metodológico.

Referências

- BÁ, Amadou Hampaté. Tradição Viva - In: *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática, 1982.
- BUCK, William. *Ramayana*. Trad: Octavio Cajado. São Paulo: Cultrix, 2011.
- CANHÃO, Telo Ferreira. *A música na literatura do império médio*. Rev. História Antiga, 2011. Disponível: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/23527/1/Cadmo21_Artigo4.pdf Acesso: 09 set. 2021.
- CINTRA, Celso. *Reflexões sobre o sagrado na música*. Artefilosofia, v. 9, n. 16, p. 90-102, Ouro Preto, 2014. Disponível: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/download/525/481> Acesso: 01 nov. 2019.
- COSTA, Maria Carolina Meres; FIGUEIREDO, Mariana Cecchetto; CAZENAVE, Silvia Santos. *Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico*. Archives of Clinical Psychiatry, v. 32, p. 310-318, 2005. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/f3VKrzpFRRqBSST4VdbyX3j/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 22 mai. 2022.
- ESCOBAR, José Arturo Costa. *Ayahuasca e saúde: efeitos de uma bebida sacramental psicoativa na saúde mental de religiosos ayahuasqueiros*. 232 f. Tese, 2012. Disponível: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11258> Acesso: 11 jan. 2021.
- FRIEDMAN, Richard. *Quién escribió la Biblia?* Martínez Roca, 1989.
- HESÍODO. *Teogonia; Trabalhos e Dias*. Tradução Sueli Maria de Regino. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2014.
- HOMERO. *Ilíada; Odisseia*. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Ed. Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- LABATE, Beatriz Caiuby; PACHECO, Gustavo. *Música Brasileira de Ayahuasca*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
- MACRAE, EJB; MOREIRA, PA. Cura, corpo e saúde no Santo Daime. In: TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, E. (Org.). *Religiões e temas contemporâneos: diálogos antropológicos*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- MUCHERONI, Marcos; MANZOLLI, Jônatas. *A Composição da Cosmologia de Modalities est Agnus Dei*. Proceedings of the 9th International Conference on Digital

- and Interactive Arts, p.1-7, 2019. Disponível: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3359852.3359860> Acesso: 01 fev. 2021.
- RABELO, Katia Benati. *Daime Música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime*. 2013. Disponível: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-9RUHVR> Acesso: 11 jan. 2021.
- SILVA, Drance Elias; BRAGA, João Paulo Reis. *AYAHUASCA: um sagrado selvagem que Bastide não conheceu*. Paralellus, 2019. Disponível: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1473> Acesso: 22 set. 2021.
- ROCHA JÚNIOR, Roosevelt Araújo. *Música e Filosofia em Platão e Aristóteles*. Discurso, p. 29-54, USP, 2007. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/62912/65709> Acesso: 07 fev. 2021
- SÄRKÄMÖ, T; TERVANIEMI, M; et al. *Music listening enhances cognitive recovery and mood after middle cerebral artery stroke*. Brain, p. 866-876, 2008. Disponível: <https://academic.oup.com/brain/article-abstract/131/3/866/318687> Acesso: 18 jul. 2021.
- SHELLENBERG, G; WEISS, M; W. *Music and cognitive abilities*. Current Directions in Psychological Science 14.6, p. 317-320, 2005. Disponível: <https://psycnet.apa.org/record/2012-14631-012> Acesso: 30 mai. 2021.
- STARK, Rodney. *A Theory of Revelations*. J. for the Scientific Study of Religion, p. 287-308, 1999. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/1387795> Acesso: 04 abr. 2020.
- WEIK, Christian. *Música de Ayahuasca no Dispositivo Neoxamânico: A Amazônia do Global ao Local*. TXAI, 2021. Disponível: <https://revistas.ufac.br/index.php/txai/article/download/5179/2911> Acesso: 03 nov. 2021.

Recebido em 28-04-2022.
Aprovado em 21-06-2022.